

JAMBO

Minha aventura escoteira na ÁFRICA



ESCRITO POR THIAGO MAROCA

Relato durante o 13º Rover Moot no Quênia, ocorrido em 2010

Prefácio

Em janeiro de 2010, após um réveillon apoteótico, com muita simpatia para o amor, fui demitido depois de três anos trabalhando como cinegrafista em uma empresa de educação. Recém-formado e com poucas expectativas profissionais, restava apenas uma dúvida: o que fazer com a grana da rescisão trabalhista?

Havia duas opções: Casar ou comprar um carro.

Casar: Seria uma boa, as coisas em casa estavam um saco, a mina sonhava com isso, mas casar desempregado era ruim. Pior foi levar o pé na bunda enquanto escrevia este texto, até hoje sinto uma dorzinha que mistura remorso com luxação. Sem pretendente, sem casamento.

Carro: Solteiro e com dinheiro, faltava apenas um carro para minhas primeiras experiências de farra e curtição. Difícil é você sonhar com isso e continuar sentado no sofá aos domingos pensando no dia em que vai decidir tomar coragem para que se torne realidade, no meu caso ainda não tinha comprado o carro.

Estava decidido, iria comprar o carro e mudar minha vida pra sempre, virar o mais novo motorizado do bairro, namorar, festejar e tentar a fama que o carro traz pra quem está no ápice da maior idade.

Nem um, nem outro. Na primeira segunda de liberdade acordei cedo, tomei café e fiquei andando pelos sessenta metros quadrados do apartamento, procurando emprego no jornal, com a expectativa de não ser um domingo tedioso. A grana já estava na conta, era pouco, mas dava pra fazer algo, fui à rua ver uma feira de automóveis, vários modelos, todos me convidando para uma vida impressionante, mas, na real a grana que eu tinha e o desejo não falavam o mesmo idioma. Vendo alguns vídeos de carro na internet, dei uma olhada na caixa de e-mails, descobri que eu nunca havia dado uma limpada na caixa de spam. Promoções, abaixo assinados, vírus e apenas um título que me chamou a atenção.

“ULTIMO DIA DE INSCRIÇÃO PARA MAIOR AVENTURA DA SUA VIDA!”

Poxa, isso sim era marketing digital, naveguei em cada palavra, cliquei e fui redirecionado para os arquivos oficiais que diziam o valor exato e as condições de participação: Ser escoteiro (sou) e pagar a taxa, que era a mesma quantia da rescisão de minha demissão.

Entre um mundo novo motorizado com direito a curtição, paquera e tudo mais, imprimir o boleto e escolhi a maior escolha que eu tinha feito desde então.

Ainda faltavam quatro meses até a minha ida, o negócio era conseguir meios de pagar as outras despesas da viagem. Durante o café:

- Mãe, eu vou pra África!
- Eu também!
- É sério.
- Com os preços das coisas subindo, a família toda vai.

Entrei pro quarto e comecei a procurar vídeo aulas grátis de inglês no *youtube*, a porta abre de repente.

- Você disse que vai pra África? Que história é essa? Vai pra onde?

- Quênia
- Sabia que tinha alguma menina no meio.
- Quênia é o país.
- JOAQUIMMMMMM

Pois é, eu com vinte anos, sentado no meio da sala dando todo tipo de explicação para meus pais e dizendo que não teria guerra civil, canibalismo e nem AIDS. Eles me apoiaram e comecei a organizar minhas finanças para que tudo desse certo, para ter ideia, paguei a passagem Brasília – São Paulo com um cofrinho que fiz com ajuda da minha mãe. Meu pai me deu um tênis de couro e consegui uma mochila emprestada com tudo que eu precisava.

Fizemos um grupo de emails e fomos trocando informações sobre curiosidades e algumas regras num país como o Quênia, que tornara-se democrático porém com uma frágil democracia em desenvolvimento, se é que você me entende.

O evento escoteiro era o **13º ROVERMOOT**, que reunia jovens de 18 a 25 anos com atividades diferenciadas, este era o primeiro evento desse porte no continente africano, ainda mais no país em que nosso fundador escolheu para passar o final de sua vida. De fato isso é de arrepiar a espinha dorsal, poder estar em um lugar que inspirou nosso fundador, Robert Baden Powell. A partir de agora lhe convido a ler o diário que fiz durante os dias que permaneci no continente africano. Valeu muito a pena!

Minha viagem aconteceu entre 24 de julho a 13 agosto de 2010.

SEMPRE ALERTA!



Despedindo dos meus irmãos escoteiros do GE Luz e Trabalho 25º DF

OBS: Esta não é uma publicação da UEB (União dos Escoteiros do Brasil), parece óbvio mas deixo registrado para que não reste dúvidas.

Karibu (BEM VINDO)

1º DIA – SÃO PAULO

A viagem começa no dia em que pisei em São Paulo, um dia antes de embarcar para a África, conheci o cara mais louco do movimento escoteiro, meu amigo Leandro Martins. Durante os emails trocados, percebi que tínhamos certa sintonia, coisa de sexto sentido, quando somos jovens acreditamos nessas coisas. A história real era que não falávamos inglês e de repente eu não iria me sentiria incomunicável.

- Eu falo inglês mano, INGLÊS!

- Não viajei dois mil quilômetros pra ouvir essa piada horrorosa.

- Relaxa mano, vamos curtir o *waka-waka* (musica da Shakira, tema da copa de 2010)

Esse papo rolou durante um domingo que passamos andando pelo centro de São Paulo, eu empolgado com a viagem e ele falando de Rugby, esporte inclusive muito famoso na África do Sul.

2º DIA – ALGUM LUGAR DO OCEANO ATLÂNTICO

Acordar cedo, descobrir o que é marginal Pinheiros, marginal Tietê e marginal trombadinha. Este último está presente em todos os cantos da cidade, incrível como as pessoas vivem em São Paulo e parecem não se preocupar com isso, eu sou quase do interior, muita gente, muito barulho, muito trânsito meu Deus.



Aeroporto de Guarulhos foi o ponto de encontro e de partida para todos os participantes, nos identificamos e cumprimentamos, fizemos *checkin*, apresentamos passaportes, despachar as mochilas, dizer “Sempre Alerta” para quem fica, encarar os gringos que chegam de roupa florida, pensar na vida, pensar em desistir, embarcar, encontrar o assento, descobrir que a aeromoça não

fala português, decolar, olhar pela janela e admirar o Atlântico, pensar na vida, começar a conversar com a galera, dormir, comer, conversar, ler, dormir, comer.

- Leandro, quer beber alguma coisa?

- Água!

- What? Pergunta a aeromoça

- A-GUÁ

- Acho que ela não entende português, fala *water* que significa água em inglês.

- Vê uma *water* aí pra nós.

A aeromoça serviu-lhe água.



3º Dia – Nairobi, Kenya

Após 21 horas entre vôo e escala cheguei em Nairobi e aí sim percebi que havia saído de casa. Velho, eu nunca tinha viajado para fora do país, não havia outra coisa a dizer, a não ser : Meu Deus, eu to na África!

Na noite em que chegamos fomos recebidos por escoteiros locais que nos conduziram até o campo escoteiro de *Rowallan*, onde seria o acampamento. Porém antes de chegar é preciso passar pela maior favela da África: **Kibera**. As imagens vistas pela janela de uma van que dirige na mão direita mostravam o que a tv e os filmes estimulam, violência e corrupção. A polícia fazia uma espécie de fiscalização, onde pessoas são revistadas deitadas no chão e os policiais usam armas de grande porte, qualquer descuido pode ser fatal. Não era permitido a nós abrir a janela, muito menos fotografar, faz parte das regras de quem não deseja encrenca com o governo.

Ao chegar em Rowallan tarde da noite, senti frio, muito frio, ao contrário de tudo que ouvi ao me preparar para minha viagem.

- Leva Repelente. Disse meu pai
- Lá é quente que só a peste. Disse minha mãe

Na primeira noite dormi congelando, tenho quase certeza que os mosquitos não apareceram por causa do frio.

Na manhã seguinte foi dada a abertura oficial do **13º Rover Moot**, momento único para quem acredita que o escotismo pode ser a melhor forma de promover uma fraternidade mundial. A festa teve abertura com a presença do presidente do Quênia, muitas apresentações e para finalizar, uma baita sonzeira misturando todos as cores em uma festa super animada, ao todo eram mais de três mil pessoas de oitenta países.



4º Dia – Machakos, Kenya

Para quem deseja conhecer o mundo e acha que o inglês é a salvação de todos os problemas, pode estar um pouco enganado, reconheço que o inglês é fundamental, mas o jeitinho brasileiro concede coisas que não há idioma que expresse, o Leandro que o diga, ele não falava inglês e acabou sendo um dos nomes mais conhecidos em todo o acampamento.

Além de um inglês super diferente de tudo que aprendi no colégio público (que para mim é o mesmo que nada) no Quênia existe um segundo idioma muito comum que é o *Swahili*, onde a primeira palavra que aprendi foi *JAMBO*, que significa Olá.

No segundo dia do evento fomos separados por equipes e colocados em ônibus para seguirmos aos centros de expedição, o meu centro era na cidade de Machakos, que ficava a 65 km de Nairobi, levou três horas de viagem, dentro do ônibus senti a primeira porrada no estômago do que sempre imaginei, nós brasileiros bagunceiros e senhores do fundão, assumimos nosso posto internacional no ônibus, alguns europeus que ainda eram desconhecidos também sentaram conosco.



Jó, um queniano que iria estabelecer uma forte amizade, caminhou em direção ao fundo porém ao perceber que não tinha nenhum conhecido nem de nacionalidade muito menos de cor, parou no meio e disse:

- Somente brancos, né?

Senti um arrepio na espinha e vi o que sempre aprendi nos livros de história. Ter pena e ficar parado não resolveria nada, isso não poderia acontecer, corri em sua direção, peguei em sua mão e disse:

- Jambo!

Ofereci lugar ao meu lado, depois disso Jô tornou-se umas das melhores companhias quenianas e além disso, durante a minha estadia no Quênia, nunca mais o vi sem um sorriso no rosto.

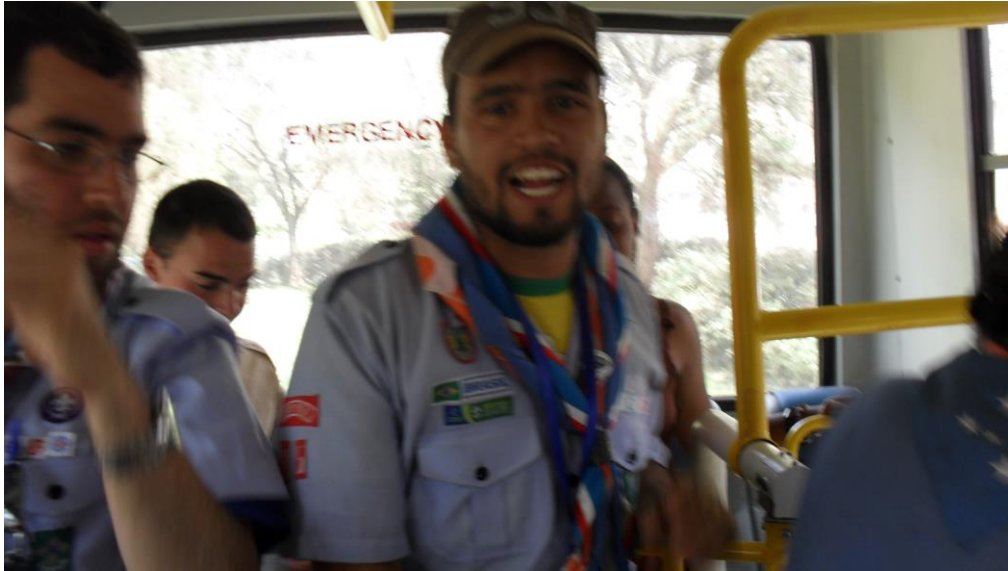
Chegando em Machakos seguimos para nosso sub-campo para montar as barracas, formigas não foram problemas em nenhum momento, já espinhos fizeram sua parte, Leandro que o diga,

acabou sendo pego de surpresa com um arranhão por um desses espinhos, sobreviveu e isso bastou.

Durante a viagem conheci um português, Valter seu nome, aproximou-se pela primeira vez mostrando ser naturalizado com as gírias brasileiras:

- Iae “cara”, cadê a “galera” do Brasil? tudo fish?

Eu não pude conter o riso, ele já estava naturalizado brasileiro, ganhou o apelido internacional de *Smile Face*, por que até dormindo ele continuava a sorrir.



Valter e todos os outros portugueses se tornaram amigos super importantes para nós, em menos de três dias eu estava como um português e Valter como um brasileiro suburbano criado na periferia.

- O pá, bom dia, cadê as *gajas boas*? Vai ser *gira a run*, hoje vai ser *fish*.

- Fala seu *vagabundo*, está por aí *de bobeira* só na *sacanagem* né? seu *safadão*, Zé Ruela.



Da esquerda para a direita: Lilian, Valter, Eu, Rogério e Raully.

Juro que tentei ser menos abusivo ensinando as gírias, mas era a única coisa que ele queria saber.

Na primeira noite em Machakos foi servido um jantar de recepção, a base de *Ugali*(uma espécie de bolo de farinha), molho e carne de cordeiro, já estava com saudade de um bom prato de arroz com feijão e um pedaço de costela.



Um violão, uma fogueira e algumas canções escoteiras encerraram nossa primeira noite em Machakos, a aventura já tinha começado, eu já estava na África e não tinha me dado conta.

5º DIA – SHULE

Talvez este tenha sido o dia mais marcante que passei no Quênia, iniciamos o dia com um café a base de chá com leite, muito pão de forma com manteiga de amendoim, geleia e ovos cozidos. Todas as refeições eram realizadas pelos participantes, no meu grupo, éramos 30 pessoas, sendo duas de cada país, o que acarretava uma convenção da ONU na hora de preparar o jantar, mas quando estamos fora de casa, o melhor é se alimentar quando se tem oportunidade e naquele dia a surpresa foi o almoço, um sanduíche de pepino e um suco, fome e mal estar.

Aquele dia, nossa missão foi trabalhar em uma escola na área rural de Machakos, a caminho da escola, dentro do ônibus fui conhecendo melhor as pessoas do meu grupo, tudo da melhor forma, bem brasileiro, rindo, cantando e gesticulando muito. Se o inglês não é *excellent*, o jeito é improvisar.

Chegamos ao nosso destino, o maior colégio de ensino fundamental da área rural da cidade de Machakos, fomos recebidos pelo diretor do qual não me lembro o nome mas, que nos fez um breve resumo histórico da escola, fundada em 1956, é a mais antiga da região e que tem mais alunos, 1029. Não tem merenda e nem fonte de água potável, os alunos trazem sua água como podem, em garrafas de amaciantes, gasolina e óleo. Também é visível a pobreza no local através dos pés das crianças, quase todas descalças, as poucas calçadas usavam sapatos gastos e chinelos feitos com restos de pneu ou garrafa pet.



Nosso trabalho era pintar as paredes e quadros do colégio enquanto a outra parte da equipe brincava com as crianças, muitas salas não tinham mesas e cadeiras, um professor de educação básica nesta região ganha uma média de 800 xelins quenianos por turma ao mês, equivalente a 20 reais, mesmo assim a educação é muito estimulada e as crianças adoram ir para escola, ao fim do período matutino elas vão para casa e retornam a tarde com suas garrafas abastecidas de água. A primeira dificuldade foi tentar organiza-los, pois todos tem cabeça raspada devido ao piolho e nenhum deles entendem inglês, que só será ensinado aos 12 anos, com eles só falando em *swahili*, nessa hora Jó tinha se tornado meu *google translate*.

- Fale *ABARIAKO* a eles.
- Mas o que significa?
- Como vai você.
- Beleza, então lá vai... *ABARIAKO*!
- *MZURI SANA!!!* (muito bem)

Sim, a nossa forma de comunicação tinha sido estabelecida, criamos um círculo de canções. Crianças são iguais em qualquer parte do mundo, adoram brincar, cantar e dançar. Elas querem segurar na sua mão, fazem caretas para as fotos, é impossível ficar indiferente com tantos sorrisos pequeninos.

Indo embora uma linda menininha segurou a minha mão e falou em *swahili*, Jó teve que traduzir.

- Ela quer saber quando você volta.



Não pude conter minhas lágrimas e prometi que breve. Jamais me esquecerei de cada bracinho acenando um até logo para nós, era visível a emoção de todos no ônibus, alguns com lágrimas, outros com um olhar reflexivo do que tínhamos acabado de presenciar, a África tem muito a nos ensinar, às vezes é preciso atravessar o oceano para dar valor a coisas que sempre estiveram ao nosso lado, solidariedade é a lei.

Shule significa escola em Swahili

6º DIA – POLE POLE

Ser brasileiro no primeiro mundo pode não significar muito, mas ser brasileiro na África é muita coisa. Todos amam futebol e o samba, mesmo que a gente não jogue e nem saiba dançar, a energia que a gente sente dos outros é tão boa que as pernas dão uma arriscada. Aproveitei o embalo e entrei na viagem de que realmente o samba e o futebol têm muito a oferecer, o que no meu caso ajudou em ótimas amizades.



Tentando ensinar uma gringa a sambar

Nosso segundo dia em Machakos precisava de outro tipo de emoção, fomos para uma caminhada em direção à montanha mais alta da cidade, se chamam de *As colinas de Ivete*.



O preparo físico dos quenianos realmente nos tira o fôlego, o que fazíamos andando eles faziam correndo e os árabes tossindo devido ao excesso de fumo, que por sinal nos custou um breve

sermão da polícia local pois no Quênia não é permitido nem beber, nem fumar nas ruas. Outra situação inesperada aconteceu quando eu e meu amigo Valter fomos parados por um policial pelo fato dele estar usando uma camisa vermelha que na atualidade política do país significava não está de acordo com o referendo sobre a nova constituição.

- Por que você está usando esta cor? Perguntou o policial

Valter não soube responder em inglês muito menos em português a pergunta do policial, que apontava um fuzil em nossa direção.

- De onde vocês são?

- Eu sou brasileiro. Respondi

- BRASIL, eu amo o BRASIL, futebol, Kaká, Robinho.....

Fomos salvos pelo futebol brasileiro. Em nossa direção caminhava o Francis, nosso líder queniano, um intermediador para todas as situações, mas esta acabou bem e não precisamos dele, graças ao futebol. Francis recomendou não nos separarmos do grupo. Khaled e Jarrah eram o árabes do nosso grupo, apenas Khaled falava inglês e Jarrah sorria e dizia “yes, how are you?, good e bye” pelo menos já tinha alguém com um inglês pior que o meu, mas árabe eu também não falava. Durante a caminhada pude conhecer o Queniano Japhet que ganhou o apelido de *Love attack*, pois todo o dia estava acompanhado de uma garota queniana diferente. De cima da colina podíamos ver pessoas como formigas lá embaixo, a maior surpresa foi descobrir que encima da colina moravam pessoas e que havia uma escola.

Paramos para um almoço a base de sanduíches e suco engarrafado, criamos um som as garrafas vazias e com as sacolas de papel, eu posso não saber sambar mas sei fazer um batuque, de música todo mundo gosta.



Tocando “Segura o Tchan”

Voltamos ao campo de Machakos após a nossa caminhada de 45 quilômetros.

Eu precisava tomar um banho e ir ao banheiro despachar um fax para o presidente, o frio não cessava e o banheiro que tava livre era o turco (aquele que tem apenas um buraco no chão, melhor não imaginar) era que o tinha, e precisava ser feito, consegui ir, mas o pior foi o banho gelado, um chuveiro cercado por paredes de plástico. A noite não foi possível ver as estrelas porque continuava nublado, parecia que estava esfregando gelo na pele, sobrevivi e não fiquei resfriado. Pole pole (mais devagar), o queniano leva a vida mais tranquilo, aproveitando o presente.

7º DIA – HAKUNA MATATA

Nossa atividade neste dia consistia em trabalhar com foco no meio ambiente. Visitamos uma cooperativa de escultores em madeira e plantamos muitas mudas.





Meu inglês era de *bad a terrible* e o Raully, um amigo brasileiro, além de falar inglês, falava grego, gaulês e arranhava em mais uns quatro idiomas. O ocorrido foi que Karla, uma alemã super gente fina comentou que conhecia o samba do Brasil, eu com essa corzinha de caramelo falei na mais pura inocência que, poderia ensiná-la, claro que meu *google tradutor*, Raully fez seu papel e disse com suas próprias palavras, o que resultou no afastamento de Karla durante vários dias achando que eu queria agarrá-la a qualquer maneira, nesse caso o intérprete me sacaneou.

Pela tarde fomos ao centro da cidade de Machakos comprar *kassavas* (mandioca) e trocar dólar por xelim queniano, entramos em um beco onde a coisa não é bonita de se ver, todos nos encaravam e as *kassavas* não apareciam, no beco todos querem conversar e pedir dinheiro, porém é preciso ter jogo de cintura para não ser surpreendido, Jó me salvou de uma enrascada, um homem me segurou pela mão e começou um grande interrogatório, Jó pediu licença e seguimos de volta para a rua, foi no mercado municipal que achamos a benditas *kassavas* que o Raully procurava, pois havia prometido aos quenianos um caldo brasileiro para eles provarem.





Voltando ao campo, um grupo cultural ensinava a fazer fios de sisal e dançava ao som dos tambores feito por eles, até arrisquei no som com eles, porém continuo a gostar do Olodum. À noite encerramos nossas atividades em Machakos da melhor forma, uma fogueira tradicional escoteira e uma boa festança regada a muito som queniano e nada de bebida porque beber resultava em expulsão do acampamento e ninguém queria correr o risco. A felicidade por si só, já é um ótimo motivo para viver. Conheci Jennifer, uma australiana que gostaria de aprender o que nós, latinos temos no sangue que, não nos permite ficarmos parados e Lilian, uma norueguesa tentando entender o motivo de nossa alegria ininterrupta. Fiz uma amizade profissional no Quênia, Violet uma jornalista simpática e super legal que nos acompanhou em nossa estadia em Machakos, ela me ensinou alguns passos quenianos que utilizei nas festas em Rowallan. Enquanto isso Raully preparava seu caldo no campo a espera da visita de suas “amigas” gregas.



As amigas gregas: Ireni e Polina.

Leandro para mim tornou-se um irmão, foi meu primeiro contato com contingente brasileiro e o mais surpreendente de todos, não sabia uma palavra em outro idioma, seu português tinha sérias interferências da zona oeste de São Paulo como: *firmeza*, *meu*, *mano*, *bang* e outras gírias, porém Leandro era o staff mais conhecido entre todos do campo, inclusive pelas gregas que o Raully investia. (pode rir que é verdade)

A vida é engraçada mesmo, basta viver mais e se importar menos, liga o *Hakuna matata* e deixa o resto a cargo do destino, por que “*os seus problemas você deve esquecer, isso é viver, é aprender... hakuna matata.*”

Hakuna Matata em swahilli significa sem problemas, o filme **O rei leão** usa termos neste idioma, simba é leão.

7º DIA – RAFIKI

Este dia começou com dois sentimentos, um ruim por que eu estava acostumado com o vilarejo de Machakos e conhecia muitas pessoas do campo, que me deixou na dúvida se seria essa energia de volta em Rowallan, e um muito bom, pois iria rever meus amigos brasileiros e fazer novos amigos que estiveram em outras expedições.

Da janela do ônibus, parecia estar passando um filme daqueles de viagem em autoestrada, era possível ver rebanhos de camelos soltos pelas planícies, me senti dirigindo um carro conversível com alguns óculos estiloso no rosto.

Chegando em Nairobi fomos bem recebidos pelo engarrafamento que apesar de ser uma loucura, não ocorre nenhuma batida, os motoristas do Brasil deviam fazer um workshop com os quenianos. Fomos a um shopping trocar dinheiro, comprar coisas industrializadas e utilizar um banheiro de verdade, daqueles que tem porta, descarga, papel higiênico e que no fim você sai com as mãos lavadas.

No shopping havia poucos consumidores e funcionários negros, fazer o que? Pelas ruas de Nairobi era possível ver as diferenças econômicas, o ônibus passou por uma área nobre onde notamos que quem é rico, é muito rico e quem é pobre, é apenas o resto.

Chegando a Rowallan, fizemos um encontro com todos os brasileiros, com direito a um bom arroz solto, frango picadinho e uma boa salada, tudo com tempero, graças a Deus.

Aproveitamos esse momento para trocarmos experiências que vivemos nos campos, além de Machakos, havia o Embu e Kayaba. Sempre é bom estar com um Rafiki, ou seja, um amigo.



Parte da delegação brasileira

8º DIA – UGALI

O acampamento foi acordado com um grande evento esportivo, uma maratona, legal ver como os quenianos lidam com a corrida, o ar seco e rarefeito expande o pulmão deles quando vem correr no Brasil. Me atrasei e acabei atrasando a Isis que queria correr, já era possível ver o primeiro queniano voltando, não tem como competir com eles. Alguns brasileiros participaram, mas nenhum com um resultado interessante no ranking final.

Após o almoço básico nosso de cada dia, fomos ao centro da cidade conhecer o museu nacional de Nairobi, onde tem registrado toda a sua história sobre fauna, flora e étnica. Valeu a pena o *giro*, não só pelo museu, mas pela lanchonete que tinha lá, que nós fez esquecer do *Ugali*, um bolo que lembra purê de batata só que feito com farinha, sem sal e sem gosto (já disse isso, eu sei). O gosto é adicionado quando você vai colocando os pedaços de *ugali* no molho de carne de cordeiro, eu gostei mas admito que não dava para comer todo dia, se tinha algo mais parecido com a comida de casa, valia a pena gastar umas moedas para comer algo bem feito e um pouco saboroso.



Feira nas ruas de Nairobi

9º DIA – BABU

Tezaaaaaão

Foi assim que o dia amanheceu em Rowallan, Richardson e Thibault, um taitiano e um francês que estavam fazendo seu papel internacional de escoteiros bagunceiros, disseminavam a palavra *tezão* aos quatro cantos do acampamento, as meninas vinham até nós perguntar o significado da palavra, eu apenas explicava o mesmo caso do #calabocagalvão, *Tezão* era um pássaro em extinção no Brasil e dizer seu nome alto e em bom som, significava que você queria salvá-lo, uma hora depois todo o contingente francês gritava:

-TEZAAAAAAAÃO!

Um chefe brasileiro perguntou a nós quem havia ensinado, nem eu sabia (tu acredita nisso?). Este dia também foi marcado pela esperança de um novo Quênia, o povo estava nas ruas para escolher a nova constituição que daria mais poder ao povo e menos ao atual presidente, era visível nos olhos de cada escoteiro queniano a esperança de uma política nova, eu esperava o pior,

acreditava que as coisas podiam ser parecidas com massacre de 2007 que deixou mais de 1500 mortos por causa de uma eleição fraudulenta.

Neste dia foi proibida a saída do campo por motivo de segurança, anoite assistimos ao telejornal que noticiava pequenos focos de manifestantes em algumas províncias, em Nairobi ocorreu tudo bem e a democracia ganhou o seu espaço através da escolha do povo. Sempre é dia de começar de novo, eu acredito nisso, *welcome Kenya*.



Eu, Wachira, Raully, Leandro e Isis

Uma grande variedade de atividades foram colocadas a disposição de todos, desde dança até corrida de orientação. Alguns países montaram stands para promover os eventos internacionais, o Brasil estava divulgando a conferência escoteira internacional que iria ocorrer em janeiro de 2011. A tarde teve a mostra gastronômica onde nós levamos o melhor do sabor brasileiro com: Feijoada, brigadeiro e suco de guaraná, também apresentamos um pouco de nossa cultura musical através de uma performance que começava com um forró mixado com samba e finalizando com um funk saudável, tudo montado pelo engenheiro de som: Kiko, mas não era o do KLB não 😊. (também não gostei da piada, mas vou deixar mesmo assim).





Preparando uns brigadeiros para a festa gastronômica

Enquanto comíamos e dançávamos na arena conhecendo a culinária de todos os países, os macacos do acampamento faziam sua festa nas cozinhas dos campos, tudo em equipe, um vigiava, outro pegava a comida e um terceiro despistava com gracinhas qualquer um que fosse ao campo pegar algo, macacos sabem ser escoteiros melhores do que nós, nunca consegui esconder nada do meu chefe, e macaco em Swahili é *babu*.



10º DIA - NIERY

- O pá, cara o ar da África está deixando o povo todo maluco, até o padre está safadão, estás ali a ficar olhando as garotas.

Pois é, acordei ouvindo essa frase do Valter, o portuga, era muito engraçado ver ele falando nossas gírias, e quase toda a delegação brasileira falando no sotaque de Portugal.

Este dia estava marcado para visitarmos a casa e o túmulo do fundador do movimento escoteiro, Lord Robert Baden Powell, se você acredita em algo e tem a oportunidade de ir na origem da coisa, imagino que sua emoção pode ser comparada a minha, o coração acelerou, as palavras fugiram, bateu uma tremedeira e ali estávamos nós na casa onde onde B.P. escolheu para passar os últimos dias ao lado de sua esposa, No quarto de hotel em que ele morava, intitulado de PAXTU (paz para dois, acho que em latim) onde há uma grande variedade de fotos, distintivos e lenços escoteiros do mundo inteiro, pelo que fui informado, os lenços e distintivos são trocados mensalmente devido ao seu grande acervo e pequeno espaço para tal exposição. O simples fato de poder entrar em sua última residência foi super emocionante.

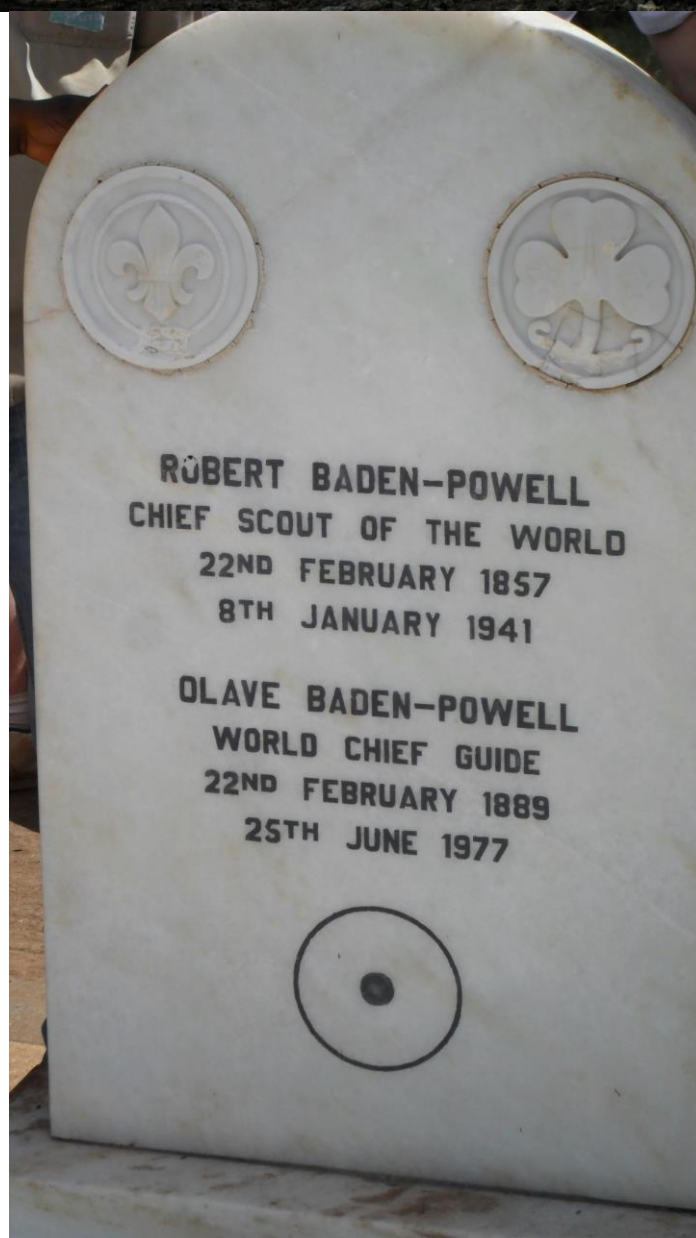






Depois fomos visitar seu túmulo no cemitério da cidade de Niery, um lugar pequeno, atrás de uma igreja, no caminho um jardim com as dez leis escoteiras. Ao seu lado está enterrada sua esposa, Lady Olave, que contribuiu para a inserção de moças no movimento. A curiosidade da lápide de B.P. que está registrada em vários manuais sobre escotismo é o sinal de pista, um círculo com um ponto no meio, que significa: *voltem todos ao ponto de reunião*. Naquele momento parecia que estávamos visitando o túmulo de um grande popstar, apesar de não gostar do fanatismo que as pessoas fazem para os artistas mortos proferindo que nunca mais existirá ninguém igual a ele e blá blá blá, eu me senti realizando um sonho de fã.





Baden Powell merece sua atenção, ele foi o cara que pensou na juventude a sua época e arregaçou as mangas acreditando em deixar o mundo melhor e, acima de tudo isso deixou a coisa

livre para ter melhorias e adaptações para a nossa geração. Para BP eu só tenho uma palavra: *ASANTE SANA* (muito obrigado), por tudo.

Muitas lágrimas tímidas saltaram dos olhos dos presentes ao ver e tocar a lápide, afinal, não é todo dia que nós saímos do Brasil para visitar o túmulo de Baden Powell e Lady Olave no Quênia né?

Depois de tantas emoções (como diria o rei Roberto Carlos), fizemos nosso caminho de volta a Nairobi, o túmulo e o hotel que BP morou ficava em Nyeri a três horas de ônibus, então haja alegria e muita música até chegar ao acampamento. As tão comentadas gregas nestes benditos textos voltaram no mesmo ônibus conosco. Foi começar a cantoria com o grupo *fundão lusófono*, o ônibus ganhou vida e cantava em uníssono:

*“Ela te quer, ela te quer
Ela te quer, ela te quer
Tchaka na butchaka, tchaka na butchaka
Tchaka na butchaka, tchaka na butchaka...*

As garotas que vieram do berço da cultura ocidental, se animaram e engrossaram nosso refrão, éramos seis ônibus a caminho do acampamento fazendo uma saudável competição de ultrapassagem pela estrada que não tem buraco nem uma única placa de sinalização, podíamos ter ficado no cemitério e evitado tanto suspense sobre a vida após a morte, imprudência foi pouco mas, cada ultrapassagem era motivo para cantar:

*“Ela te quer, ela te quer
Ela te quer, ela te quer
Tchaka na butchaka, tchaka na butchaka
Tchaka na butchaka, tchaka na butchaka...*



11 º DIA - KWAHERI

O sol ia aparecendo no horizonte e nossos olhares se distanciando, estava chegando a hora das despedidas, e mundialmente despedida é algo triste, eu as odeio, sempre vou embora sem avisar. Fizemos o último café da manhã em grupo, fui surpreendido por Jô, que ao abrir a barraca ele me esperava com um copo de café e um prato com pães recheados de pasta de amendoins e geléia, não havia palavras para dizer o que eu senti, aquilo era prova de uma amizade sincera e sem interesses, agradei de coração e tomei o meu café ao seu lado em silêncio, nossos olhos confirmavam a amizade construída, durante o desjejum eu me lembrei de todos dias a tarfea de lavar a louça e sempre ouvir uma bronca por causa do mal trabalho, eu sempre resmungava em português para aquela branquela de primeiro mundo que, nós de países subdesenvolvidos éramos melhores na cozinha do que eles que nem podem pegar uma corzinha de sol, apesar de péssimas discussões eu já estava começando a pensar na saudade que aquilo iria me causar, a mina queria ser a rainha do campo mas, no fundo era gente boa. Sabe aquela sensação de que algo está acabando de modo que você nada pode fazer para evitar. É muito chato quando algo está chegando ao fim, na hora do almoço todo mundo sentou em círculo e em silêncio, todos se olhavam e davam sorrisos amarelos, algo estava chegando ao fim e nada poderíamos fazer para evitar, não é bom se apegar a pessoas, mas nunca damos ouvidos para esses conselhos. O líder Francis, codinome *La bamba* começou a falar o que aprendeu naqueles dias com cada um de nós, logo estávamos dando nossos depoimentos, fiquei muito feliz em poder dizer tudo que me faz acreditar no escotismo e que isso foi confirmado ao conhecer cada uma daquelas pessoas, não chorei, mas faltou pouco.



Troquei distintivos e camisetas, acabei dando uma camiseta escoteira para meu amigo da Zâmbia, Harrison, em retribuição ele me deu seu uniforme, ganhei algumas camisetas e distintivos de

outros amigos, tirando o pequeno detalhe que alguns quenianos queriam ganhar tudo, pediram até minha pasta de dentes, o clima era de amizade, mas é recomendável que fiquemos atentos, alguns pegavam meu boné, lenço e saiam andando e sorrindo, eu com muita diplomacia e sorriso na cara dizia que não podia dar porque aqueles objetos tinham valores sentimentais, mas que no fim comigo não ocorreu nada demais. A amizade para alguns é sinônimo de “nosso”.



Itens que vou levar para a coleção

Ao fim da tarde era encerrado oficialmente o **13° Rover Moot no Quênia**, o momento marcante foi quando todos renovamos nossa promessa, Baden Powell deve estar muito feliz, onde quer que ele esteja. Para fechar com chave de ouro, nada melhor do que dançar ao som de *waka waka* e *La bamba* em uma festa onde todos estavam totalmente misturados e sem receio nenhum de abraçar pessoas que agora não eram mais desconhecidas.







Eu realmente não aprendi a me despedir das pessoas, mas sempre gosto de dizer: OBRIGADO POR EXISTIR.

Kwaheri (adeus)

12º DIA – BAADA YA DHIKI FARAJA

“Depois de um trabalho árduo vem o alívio” essa expressão em swahili mostrava que viver todos esses dias em um caldeirão cultural, o movimento escoteiro tem tudo para ser um promotor da paz.

Após uma noite de muita dança, o dia amanheceu nublado e com um silêncio mortal, ao olhar o campo que antes estava colorido com barracas e bandeiras de tantas nações, agora podíamos ver o imenso gramado que se formava a nossa frente com a partida de nossos amigos, acordamos cedo, não haveria café no campo, o jeito era aceitar que o acampamento tinha chegado ao fim, mas ainda tínhamos tempo para conhecer um pouco do Quênia, fomos para um hotel no centro da capital. Após alguns dias dormindo em barraca eu voltara a ver uma cama e um banheiro com chuveiro quente, quase não quis sair para conhecer os arredores, mas era necessário explorar para poder contar que não vi apenas miséria e todas as pré-concepções da África. Dei um rolê em volta do hotel, todos me ofereciam táxi e qualquer outro serviço, agora eu andava com companhias brasileiras, um estímulo para não ficar morrendo tentando conversar em inglês/swahili, parece brincadeira mas já estava rolando uma fadiga de tanto pensar em outro idioma.

- Vamos entrar e tomar um café, mesmo que não tenha café.

Mas tinha e isso encheu minhas energias, pude preparar um café com leite improvisado que deu certo e acabou matando a saudade da padaria que tem na porta do meu condomínio, melhor não entrar em detalhes sobre padaria mas, resumindo foi muito agradável tomar um café no café “algum nome em swahili”.



Fizemos a maior descoberta de nossas vidas, achamos uma galeria comercial atrás do hotel com todo tipo de comércio e um mercado estilo esses nossos que vendem pneu de carro e comida enlatada. A coisa mais extraordinária que achei no mercado foi uma prateleira com dvd's em promoção, eram filmes quenianos sendo vendidos em uma média de 2 a 3 reais, no Brasil isso é

impossível e olha que 90% dos longas metragens nacionais são produzidos com recursos públicos e nos não temos acesso barato como os quenianos que apesar de várias precariedades, podem assistir um filme nacional e original por 3 reais em casa, vai entender. A coisa mais impressionante nesse dia turístico em Nairobi ainda estava por vir, eu, a Isis, a Júlia, o Kiko e a Sibeles ficaram presos no elevador com uma família queniana super apreensiva, enquanto nós estávamos a falar alto e rir da comédia da vida, sair do Brasil para ficar preso em um elevador na África, o pior de tudo é ver seus amigos embaixo sabendo do que aconteceu e ao invés de pedirem ajuda, começam a bater foto, a vida é engraçada e aquele que não ri de si, infeliz está. E a falta de ar dentro do elevador tava começando, mas fomos salvos.



Presos no elevador, brasileiro sendo brasileiro.

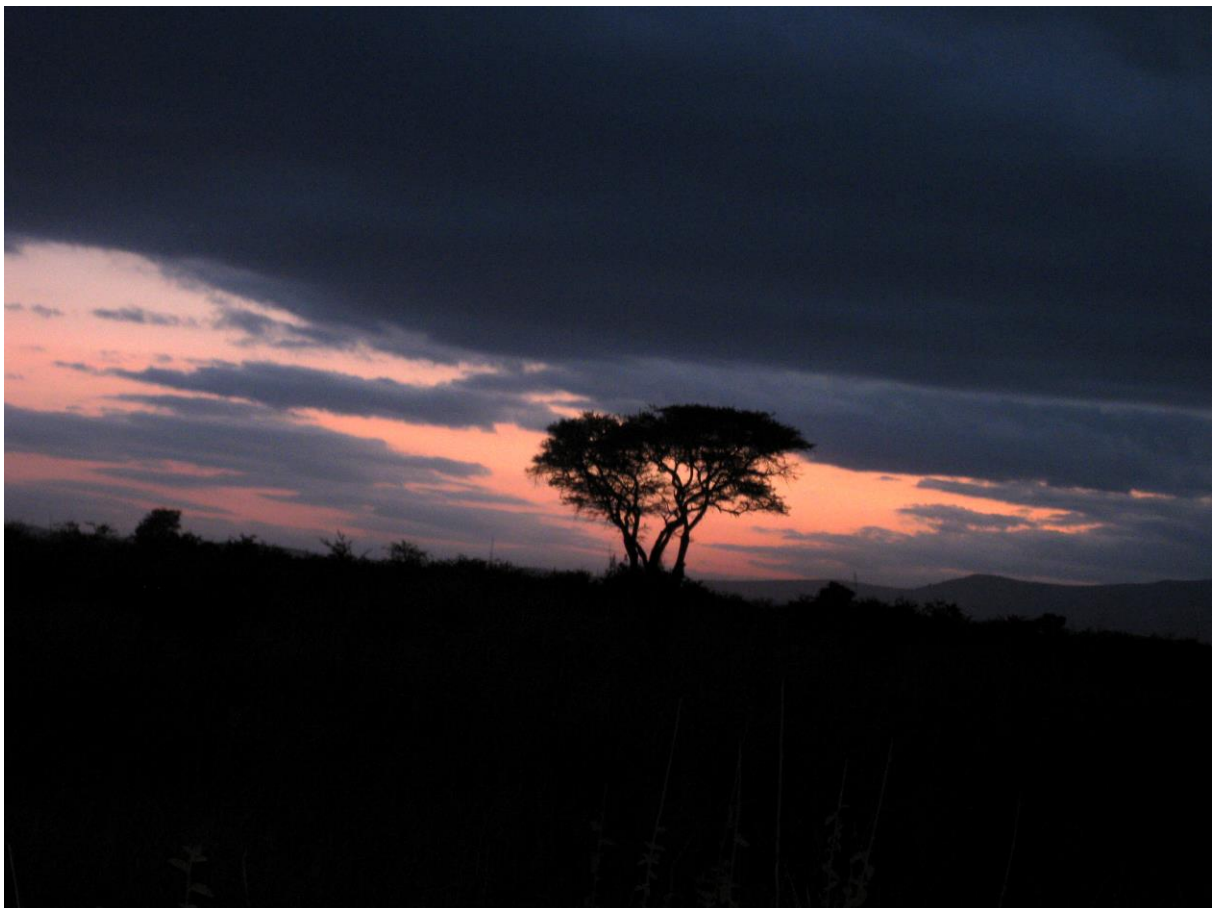
Viajar para África e não fazer um safári natural é o mesmo que vir ao Brasil e não assistir a um jogo no estádio, visitar nossas praias e outras coisas que no fim acaba sempre acaba em samba e caipirinha. E lá vamos nós rumo ao safári do parque nacional de Nairobi, visitamos primeiro o orfanato do parque e depois fomos à aventura que só vemos nos filmes. O lance é que o nosso filme iria começar de forma estranha, nosso carro era uma van rocha com néon e um batidão eletrônico africano ensurdecedor, eles chamam de *matatos*, para nós ganhou o nome de *batmovel*, rolou uma tensão, o guia que estava a negociar jogou um papo de pagarmos por dois motoristas, “*Um tremendo safadão*” segundo Valter o portuga, chegamos a um consenso e tudo ocorreu bem.





Foi mágico entrar no parque, de primeira uma girafa e logo em seguida a turma do *Simba* na área, todo mundo deitado curtindo o fim da tarde no parque, zebras, antílopes, cervos, búfalos e uma espécie de galinha da angola, foi tudo muito bom, apesar de pouco tempo, valeu a pena. O que tornou o dia especial foi o por do sol único, parecendo coisa de cinema.





A noite precisava ser encerrada com chave de ouro, combinamos todos de irmos jantar em um restaurante Italiano, o *Tratorie*. Comida em si talvez não fosse o forte mas, estar entre amigos e poder falar o que quisesse em português, não tem preço (já vi isso em algum comercial). Resolvemos ir a um pub onde estavam alguns amigos australianos, fomos a pé, a aventura africana ganhou outro aspecto, dessa vez estilo filme gangster, muitas pessoas nas ruas pedindo dinheiro, muitas crianças, muitos homens mal encarados e mal intencionados nos seguindo com olhares, o jeito é continuar, o destino era o pub e não uma intervenção nas ruas. Chegando ao pub, a Australiana estava para lá de Marrakesh, onde quer que isso seja, ela cumprimentou a todos nós, virou uma tequila e TCHAU, e só.

Vai entender esse povo que mora em ilha, ficamos um tempinho lá, depois voltamos e eu tinha descoberto que estava amando o Quênia, estava começando a sentir que tudo estava chegando ao fim. Na vinda, quando entrei no avião para a África, tinha feito questão de esquecer datas e horas, agora começava a me lembrar que estava na hora de arrumar a mochila e voltar para habitual rotina.

Acredito em tudo que vi e vivi, o problema é acreditar que passou.



13º DIA - KARIBU

Era domingo em Nairóbi e as ruas estavam caladas, apenas algumas lojas do comércio estavam abertas, tive uma boa noite de sono e tomei café no hotel que estava pago desde o Brasil e que era super limitado: uma fatia de pão, um biscoito, um café e uma fruta. Nem se compararam ao café da manhã que temos, um verdadeiro banquete.

Pouco tínhamos a fazer, o grupo já estava se dividindo, alguns já tinham partido, outros iriam ficar mais uns dias e nós iríamos para África do Sul a tarde. Sem muitas novidades, seguimos para o

aeroporto e encontramos muitos amigos do *Moot* no saguão internacional, cada um para seu destino, não demorou para o nosso vôo sair, não tinha como adiar o que estava previsto, o acampamento tinha acabado e o mundo começava a voltar para sua rotina. Em Johannesburg estava muito frio, fomos recebidos pelo pessoal do albergue que iríamos ficar hospedados, eles nos levaram numa espécie de van/ônibus blindado e muito grande.



O lugar era super aconchegante, parecia aquelas pousadas que tem no interior de Goiás, tudo calmo e tranquilo. Pegamos um taxi e fomos jantar num shopping que tinha um cassino ou ao contrário, não lembro a ordem. No teto tinha uma pintura de céu que causava uma sensação de fim de tarde, por causa dessa sensação ficamos quatro horas, no cassino não foi possível fotografar, mas o rango você vê nesta foto a beleza.





No dia seguinte, combinamos que tínhamos que conhecer algo marcante na África do Sul, e decidimos ir ao estádio onde ocorreu a final da copa de 2010, O *soccer city*. Agora éramos turistas, era feriado no país, impossibilitando a entrada no estádio, mas o jeitinho brasileiro conseguiu convencer um dos diretores do estádio a nos deixar entrar e tirar uma foto no estacionamento interno, que depois passou para o gramado e depois o vestiário e por aí foi, missão cumprida. Após o estádio fomos pra a Mandela square, um complexo de milhares de lojas integradas, segundo a lenda, são necessário três dias para conhecer o complexo inteiro. E para fechar apenas um detalhe que notei na África do Sul, apesar de não existir mais *apharteid*, é notável andar pelas ruas e ver que negros e brancos não se misturam, é negro com negro e branco com branco, pelo menos foi a minha impressão.





O campo após a copa estava sendo preparado para o campeonato de rúgbi, o esporte mais conhecido na África do Sul



15º DIA – JUU IJAYO

E lá estávamos nós para mais uma decolagem, conseguimos encontrar com algumas amigos que foram em vôos diferentes porém fizeram escala em Johannesburgo para São Paulo, a decolagem do avião foi agraciada por um lindo e forte pôr do sol que durou umas três horas devido ao fuso horário, e na rádio do avião tocava uma música americana que dizia algo em que “esperarei para te ver novamente”, pois é, estávamos sem reação, a viagem tinha terminado e a rotina iria voltar a nos consumir como sempre, talvez a minha necessidade em escrever seja para alimentar na minha mente o que gostaria que não se tornasse lembrança. Eu não gostaria que tivesse chegado ao fim, mas essas coisas acontecem e nada podemos fazer, mesmo que os emails e perfis do *Facebook* alimentem, o que sentimos, vivemos e aprendemos fica guardado em nosso coração (eu sou meio brega mesmo), que assim seja então pois, *BEM CEDO JUNTO AO FOGO TODOS NÓS TORNAREMOS A NOS VER.*

Agradeço a cada amizade BRASILEIRA que ganhei nesses 15 dias: Leandro, Raully, Kiko, Nuno, Isis, Julia, Fabrício, Daniel, Felipe, Vivian, Thomas, Louise, Betina, Rafael, Vinicius, Letícia, Alexandre, Lucas, Sibelle, Chefe Rosa e chefe Ceres.

Aos amigos QUENIANOS e Africanos: Jó, Japhet, Cristofer, Míriam, Jhon, Rota, Waschira, Robert, Harrison, Owen, Francis, Makira and Violet.

Aos amigos PORTUGUESES: Valter, Rogério, Ana, Rita, Marta, Miguel, André e outros pois a memória já está a falhar.

E aos amigos do MUNDO: Robert e Catarina da Áustria. Daniel e Otto da Islândia. Ella, Hannah, Valteri e Mika da Finlândia. Karla e Viera da Alemanha, Khalid e Jarrah da Arábia Saudita. Ireni, Aspa, Apostolos, Polyna da Grécia. Galdêncio, Domingos, Biju, Nádia da Angola. Lilian da Noruega. Domitille, Poly, Thibaut e Sofie da França e Richardson do Taiti.

Peço desculpas aos que me fogem os nomes.

Hakuna Matata: Segundo Rota, meu amigo do Quênia, Hakuna Matata (sem problemas) é uma palavra de força, que dá energia, é quando tudo está uma bagunça na sua vida, e dizer isso joga todos os seus problemas para trás. Timão e Pumba já sabiam aproveitar o que a vida tinha de melhor.

Abaixo deixo a música que virou o hino do **13º Rover Moot**

*Jambo, jambo bwana
Habari gani mzuri sana
Wageni mwakaribshwa
Kenya yetu Hakuna Matata
Kenya mchi nzuri? Hakuna Matata
Niyakupendeza? Hakuna Matata
Kenya ya amani Hakuna Matata*

Bom, já deixei claro que não gosto de despedidas, e a vida não acaba aqui.
Agente se vê por aí
juu ijayo (até a próxima)

VIDA PÓS ÁFRICA

No fluxo contínuo da vida, o veleiro precisa ancorar-se durante um tempo e abastecer novamente as energias. Mesmo tendo voltado a mais de um mês, ainda me sinto meio perdido, como se eu tivesse esquecido algo lá e preciso buscar urgentemente.

Ainda me sinto solto no espaço/tempo, continuo não querendo saber as horas, estou desligado sobre datas (para você ter noção, domingo foi níver da minha mãe e eu tinha esquecido completamente, dei parabéns e desejei saúde, com certeza o melhor presente).

A vida precisa continuar e seguir seu rumo. É preciso retomar o projeto de vida e seguir em frente, assisti mais de 10 filmes sobre a África desde que eu voltei, estou morrendo de arrependimento por ter ido sem tanto conhecimento para o outro lado do oceano, o que passou não volta. Preciso me preparar para próxima aventura, e se for do jeito que estou planejando, esta vai ser mais louca ainda.

E continuando a labuta diária, mandei uma foto que tirei no safari no Quênia para o jornal DESTAK, que tem circulação em Brasília, Rio e Sampa. Mais um pontinho para mim e para o movimento escoteiro que ganhou com sua divulgação.



A vida passa e as lembranças ficam, como essa. Obrigado por ter lido até aqui.

Sempre Alerta
Thiago Maroca

Algumas informações

Sobre o MOOT

Esse evento é para jovens de 18 a 25 anos, o que justifica algumas situações.

https://en.wikipedia.org/wiki/World_Scout_Moot

Fiz uma série de vídeos que pode enriquecer a experiência e conhecer alguns personagens citados

<https://www.youtube.com/watch?v=0TS790jgC0s>

<https://www.youtube.com/watch?v=Bgx5r92EHw>

<https://www.youtube.com/watch?v=xIBr-aUqf7Q>

<https://www.youtube.com/watch?v=Z5hk4rPWa9U>

https://www.youtube.com/watch?v=IS_39h_ZEA

<https://www.youtube.com/watch?v=IJoETYcQJ8A>

<https://www.youtube.com/watch?v=cPqWTINKvgA>

Saiba mais sobre o movimento escoteiro no Brasil aqui:

<https://www.escoteiros.org.br/>

Quem sou eu

Em agosto de 1998, um senhor me chamou pra conhecer um lugar onde garotos da minha idade faziam coisas legais, esse lugar era o Grupo Escoteiro Luz e Trabalho 25 DF (isso é história para outro livro). Estou no movimento escoteiro até hoje e me orgulho muito de dizer que sou escoteiro, cumprir minha promessa e a lei escoteira.

Peço perdão pelos erros de português, revisei, mas não tenho capacidade profissional para tal. Finalizei esse e-book/ livro em maio de 2020, durante a pandemia de covid-19.



Amo esta foto. Eu promessando um lobinho no segundo semestre de 2019

Contatos

thiagomaroca@gmail.com

site pessoal (crônicas): <http://www.thiagomaroca.com>

Instagram e facebook: Thiago Maroca

Fone: 061985806635(Whatsapp)

FIM